

Durida Cart

Mudam-se as vontades

O presidente Fernando Collor de Mello fez um belo discurso, sob diversos aspectos, perante a Assembléia da República Portuguesa. Lançou um olhar amplo sobre a envigadura das reformas em que se empenha em seu país, neste momento, o que, sob mais de um aspecto, relativiza os atuais achaques que tanto inquietam seus compatriotas.

Um ponto de seu temário, contudo, merece especial atenção. É o que se refere à firme defesa, que ele fez, formal e enfaticamente nesse discurso, dos termos da renegociação da dívida externa que o Brasil faz neste momento com os bancos credores.

Foi a primeira vez que o presidente da República se manifestou com tamanha clareza — e, por que não dizer, coragem — sobre esse delicadíssimo tema. No solo hospitaleiro de nossa antiga metrópole, ele refletiu sobre a injusta divisão de trabalho que prevalece no mundo de hoje: uma polaridade entre um Norte próspero e um Sul pobre do mundo, substituindo o antigo antagonis-

mo ideológico no eixo Leste—Oeste do planeta.

“Não podem conviver a miséria absoluta e um modelo de desenvolvimento baseado no desperdício, na destruição da natureza, nos impulsos de dominação pela força”, disse o presidente.

É nesse contexto, dessa iniquidade institucionalizada em escala global, que o problema da dívida deve ser apreciado e resolvido. E a alternativa que vem sendo esgrimida pelo governo brasileiro é uma excelente opção de resolução não apenas pelo realismo de seu conteúdo como também pelo ritual de obtenção de reconhecimento da proposta por parte do Congresso brasileiro, legitimando-a.

São, pois, os mecanismos de uma democracia em ação os que nosso governo está utilizando para tramitar sua proposta de so-

lução desse asfixiante problema. E coloca em ação esses mecanismos depois de ter feito sua lição de casa: aplicou o choque econômico que aplicou, atacou o déficit público como deveria ser atacado, foi à luta com os credores com lealdade e firmeza e agora, aparentemente, se encontra numa posição negociadora favorável.

Fez uma proposta dura mas sensata, está respaldado para mantê-la e não recebeu qualquer contraproposta que sequer de longe se assemelhe à nossa em coerência, realismo e viabilidade prática. Para descrever as coisas na língua-mãe dos nossos maiores credores, a posição do presidente Collor é boa porque sua proposta é “the only show in town”.

Vivemos já quase uma década de tremendos sacrifícios. Pagamos como serviço da dívida juros que não podíamos, empobre-

cendo nosso país e aumentando, sobretudo, nossas gravíssimas carências sociais. Fizemos nossa parte e, não obstante, somos freqüentemente tratados como devedores relapsos. Este é o quadro das relações com os bancos internacionais que precisava ser alterado, porque, sob esse cenário, a melhor solução, para os bancos, era a ausência de solução, pois isso garantiria o fluxo interminável do precioso juro sobre a nossa dívida.

Isso tinha de mudar, e a mudança só seria possível no dia em que o presidente da República, ele só, se convencesse de que era tarefa sua alterar a essência de nossa relação com os credores. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, escreveu Luís de Camões, citado por Collor em seu discurso. A vontade do presidente mudou, a deste presidente mudou, porque eleito pelas urnas e comprometido com o mais alto interesse do povo brasileiro. Que consiga realizar todos os desígnios dessa empreitada, resultantes dessa afirmação de vontade.